

# Asiáticos temem ser atingidos

*Banqueiros acreditam que, se repetir-se o cenário da Ásia no Brasil, a ruína vai disseminar-se*

**PEPE ESCOBAR**

Enviado especial

**B**ANGKOK – Em princípio, a reação de pânico em cadeia dos mercados globais à desvalorização do real parecia evocar um replay da desvalorização do rublo – acoplada a uma moratória – em agosto de 98. Não é o que está ocorrendo, pelo menos por enquanto.

Há meses, banqueiros e investidores de Tóquio a Hong Kong e de Cingapura a Kuala Lumpur vinham prevendo uma correção do real – que consideravam supervalorizado. O secretário de Finanças de Hong Kong, Donald Tsang, resumiu ontem o consenso na Ásia: “A situação no Brasil é conhecida de todos, nos últimos meses; tanto

o FMI quanto as autoridades americanas estão prestando assistência”, disse. “Por isso, acho que o contágio pode não ser tão grande.”

Ou seja, a Ásia acredita que haverá contágio. Ontem, pelo menos, as Bolsas de Hong Kong, Taipé, Cingapura, Jacarta, Bangkok, Kuala Lumpur e Seul caíram apenas ligeiramente. O Índice Nikkei, de Tóquio, até subiu 2,5% – com o Japão inaugurando um novo governo de coalizão e o iene subindo ante o dólar.

A percepção do Brasil nas grandes capitais da Ásia é de mais uma economia em desenvolvimento atropelada pela “força cega” da globalização – como a define o ministro indonésio das Relações Exteriores, Ali Alatas. Ou seja, o País é visto como mais um de uma longa lista enfrentando uma crise de confiança face à ditadura dos mercados.

Isso leva muita gente a pensar que a desvalorização não é necessariamente um ajuste, mas o possível prenúncio de uma hecatombe do real, como aconteceu com



Luiz Prado/AE/AE

*Tsang: situação do Brasil é bem conhecida*

## **P**ROBLEMAS VOLTAM A PÔR A GLOBALIZAÇÃO EM XEQUE

o baht, a rúpia, o ringgit, o won e rublo.

Para os asiáticos, nem mesmo o pacote do FMI foi capaz de impedir a desvalorização do real. Executivos do Bangkok Bank, por

exemplo, reconhecem que o principal problema do Brasil é fluxo de capital. Mas cogitam se a desvalorização vai mudar a paisagem. Não funcionou na Tailândia em 97 e na Rússia em 98.

Em um planeta em que a imagem é tudo, o efeito mais brutal da desvalorização é provocar a temida crise de confiança. Banqueiros em Bangkok, Cingapura e Hong Kong lembram que empresas em toda a Ásia não puderam lucrar com um câmbio mais competitivo porque suas desvalorizações arruinaram com sua estrutura corporativa. Muitas dessas empresas terminaram em bancarrota.

**Interligações** – Os mesmos banqueiros temem que, se no Brasil repetir-se o mesmo cenário da Ásia e Rússia, o contágio poderá ser global, por causa de inteli-

ções comerciais e bancárias, do efeito “debandada da horda”, que acelerou a crise asiática em 97, e do fato de que investidores e especuladores retiraram enormes massas de capital de países emergentes.

Assim como os EUA e a Europa temem um contágio de vizinhos latino-americanos do Brasil, os asiáticos temem acima de tudo os efeitos negativos em Hong Kong e China. Como observa o lendário consultor de investimentos Marc Faber, em Hong Kong, uma espiral negativa

do real poderá ameaçar seriamente os controles chineses de fluxo de capital e deixará a âncora entre o dólar de Hong Kong e o dólar americano à beira do abismo – à mercê de ataques de fundos hedge.

Em xeque, acima de tudo, está o próprio evangelho da globalização, contestado em inúmeras latitudes da Ásia, da Malásia do “anti-colonialista” Mahathir à própria Hong Kong, a capital do capitalismo.

A mídia planetária mais uma vez será palco de um dilúvio retórico exigindo que se mude as regras do jogo financeiro, por meio da chamada “nova arquitetura financeira global” evocada por Bill Clinton ou Tony Blair. É o que se pede na Ásia há meses – em reuniões da Asean, da Apec, do Fórum Econômico Mundial em Cingapura. Mas os asiáticos, agora especialistas em crise, já cogitam com alguns meses de avanço.

Para os asiáticos, se o governo brasileiro chegar à conclusão de que prefere tornar-se um espectador apenas relativamente envolvido, a globalização como doutrina americana para o fim do milênio poderá estar a caminho de seu enterro.